

Convite americano gera tensão na dívida

Bresser nega que tenha sido *convocado* a Washington. Mas admite problemas graves

O clima em torno da negociação da dívida externa começou a ficar tenso desde ontem, com a convocação feita pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, ao ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, para que compareça a Washington, na próxima terça-feira, para discutir o impasse provocado pela moratória decretada pelo Governo Sarney e os próximos passos que o Brasil pretende dar na área externa.

Bresser Pereira falou rapidamente sobre a convocação de Baker, interpretando-a como um convite, e ressaltou que a dívida externa está criando problemas graves para o País. Ela, disse, está dificultando a integração do Brasil no sistema financeiro internacional e constituindo-se no fator principal de recrudescimento da inflação e do desemprego.

O interesse do Brasil, frisou, é encontrar uma situação de mercado para a dívida, ou seja, negociá-la pelo valor de mercado, atualmente valendo pouco mais de 50 por cento do seu valor total, conforme disse o embaixador Rubens Barbosa, assessor internacional do Ministério da Fazenda. Bresser negou que vá levar a Baker a proposta oficial brasileira. Esta estará pronta nos próximos 15 dias, após contatos informais que serão feitos pelos negociadores brasileiros com os credores na Europa, Japão e Estados Unidos.

SPREAD

A convocação de Baker está retacionada, segundo avaliação dos economistas da Fazenda, à proximidade do início das negociações com os credores e à disposição manifestada pelo Governo brasileiro de colocar na mesa de negociação uma proposta polêmica, segundo a qual o Governo se negará a pagar qualquer taxa de risco (*spread*) adicional à taxa de juros, além de reivindicar recursos novos no montante de 7,2 bilhões de dólares relativos ao financia-

mento dos juros deste ano e do próximo. Adicionalmente, o Governo encaminhar, também, uma proposta não convencional de negociar a dívida pelo valor de mercado, o que corresponderia à metade do seu valor atual, o qual seria financiado com taxa de juros de 5 por cento, prazo de 25 anos e seis anos de carência para começar a pagar o principal.

Os credores se negam, dizem os técnicos, a aceitar o *spread* zero e diversas ameaças estão sendo feitas, no momento, como a de colocar os créditos em liquidação relativos à moratória se não forem quitados, pelo menos em parte, até o dia 20 de outubro, quando o Brasil seria rebaixado da sua condição de credor preferencial para devedor duvidoso, *value impaired* e, a partir daí, encontraria dificuldades crescentes na negociação. Os credores querem que o País faça um pagamento simbólico dos juros, suspendendo a moratória. O sinal seria de 400 milhões de dólares. Bresser Pereira, em sua última viagem aos EUA, admitiu aceitar a proposta, mas dificuldades internas surgiram após o seu retorno e o assunto está em suspenso.

Possivelmente, Baker deverá solicitar a Bresser Pereira que atenda as reivindicações dos credores, a concessão do sinal simbólico, sob o argumento de que caso contrário poderão surgir retaliações perigosas como a suspensão ou redução da concessão de empréstimos de curto prazo para o financiamento das importações e exportações brasileiras. Bresser disse apenas que a oportunidade de conversar com Baker na próxima terça-feira será positiva para colocar na mesa os problemas gerados pela dívida externa.

OFENSIVA EXTERNA

Nas próximas duas semanas, o Governo estará realizando uma ofensiva na área externa junto aos credores, para avaliar como estão analisando as propostas brasileiras de negocia-

ção tanto através do modo convencional como através das propostas que o ministro considera criativas de negociar a dívida, pelo seu valor efetivo de mercado.

Hoje, o ministro estará viajando para Viena, Austria, onde participará de seminário internacional da dívida externa. Lá permanecerá até sábado, em contato com os credores, em companhia do assessor para negociação da dívida externa, Fernão Bracher, que visitará a França, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Estados Unidos e Japão. No domingo, Bresser viaja aos EUA e na terça-feira encontra-se com James Baker.

Ao mesmo tempo estará viajando para o Japão o assessor econômico do Ministério da Fazenda, Yoshiki Nakano, para tentar negociar com o governo japonês créditos que o ministro Nakazone está colocando à disposição do Terceiro Mundo, no valor de 20 bilhões de dólares.

Enquanto as autoridades econômicas estarão contactando os credores, um dos principais assessores de Bresser Pereira, Fernando Dalaqua, estará em Washington, a partir de amanhã, para acompanhar a avaliação que o Fundo Monetário Internacional (FMI) fará no próximo dia 9 do Plano de Controle Macroeconômico. O embaixador Rubens Barbosa disse que o Governo está otimista quanto à aprovação do programa, mas não quis dar nenhuma certeza, por não dispor de informações detalhadas.

Caso o FMI aprove o plano de Bresser Pereira, a negociação com o Clube de Paris relativa aos empréstimos que venceriam no primeiro semestre terá êxito, resultando na renegociação desses empréstimos, enquanto os débitos do segundo semestre terão andamento normal. Facilitará, também, a negociação com os credores particulares, mas o embaixador Rubens Barbosa destacou que a negociação com os credores será iniciada antes da reunião do FMI.